

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

O USO DO VERBO “VIR” NA FALA DE MORADORES DA COMUNIDADE NOSSA
SENHORA DA SAÚDE-UAICURAPÁ

PARINTINS-AM

2025

SUZIANE MARTINS PEREIRA

O USO DO VERBO “VIR” NA FALA DE MORADORES DA COMUNIDADE NOSSA
SENHORA DA SAÚDE-UAICURAPÁ

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso – TCC para obtenção de nota final da disciplina TCC II ministrada pela Profª Ms. Maria Celeste de Souza Cardoso.

Orientadora: Profª Ms. Maria Celeste de Souza Cardoso.

PARINTINS-AM

2025

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

P436u

Pereira, Suziane Martins

O uso do verbo vir na fala de moradores da comunidade Nossa Senhora da Saúde - Uaicurapá / Suziane Martins Pereira. Manaus : [s.n], 2025.

21 f.: color.; 21.0 cm.

TCC - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.

Inclui Bibliografia.

Orientador: Maria Celeste de Souza Cardoso.

1. Fala. 2. Língua. 3. Sociolinguística. 4. Variação linguística. 5. Verbo vir. I. Maria Celeste de Souza Cardoso (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)81

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por nunca ter me abandonado, mesmo nos meus momentos de pouca fé.

Aos meus pais, Ana Clívia e Almir pelo apoio e por cuidarem da minha filha enquanto estive ausente.

Aos meus irmãos Renata, Ruan e Luan pela força e carinho de sempre.

Às minhas amigas e colegas de curso, Talia, Taline e Fabrine por compartilharem comigo momentos que jamais esquecerei.

Ao meu namorado e colega de curso, Aldicley Negreiros, pela ajuda e por me fazer sorrir ao longo da jornada. Suas palavras e seu amor sempre surtiram efeito nas horas difíceis.

À minha tia Sonilda e ao meu tio Walmir, que me acolheram em sua casa.

À minha orientadora, Profa. Me. Maria Celeste de Souza Cardoso, pela paciência, dedicação e incentivo. Sua orientação foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho e para meu crescimento acadêmico.

Ao sorriso da Sophia que me faz sorrir.

O USO DO VERBO “VIR” NA FALA DE MORADORES DA COMUNIDADE NOSSA SENHORA DA SAÚDE-UAICURAPÁ

Suziane Martins Pereira (CESP/UEA)

Maria Celeste de Souza Cardoso (Orientadora)

1

RESUMO: Este artigo tem como objetivo investigar os fatores extralinguísticos que influenciam a variação no uso do verbo "vir" na fala de moradores da comunidade Nossa Senhora da Saúde, localizada na zona rural de Parintins. A pesquisa adotou abordagem quanti-qualitativa, utilizando vinte entrevistas semiestruturadas com participantes de diferentes grupos sociais. O referencial teórico baseou-se em Labov (2008), Tarallo (2000), Bortoni (2014), Bechara (2019) e Bagno (2014), entre outros. Os resultados apontam que a variação do verbo "vir" está sendo influenciada pela baixa escolaridade e pela faixa etária de 37 a 77 anos que predominam no contexto da comunidade pesquisada.

Palavras-Chave: Fala; língua; sociolinguística; variação linguística; verbo *vir*.

ABSTRACT: This article aims to present the sociolinguistic factors that influence the variation in the use of the verb "vir" (to come) in the speech of residents of the Nossa Senhora da Saúde community, located in the rural area of Parintins. The research adopted a quantitative-qualitative approach, using twenty semi-structured interviews with participants from different social groups. The theoretical framework was based on Labov (2008), Tarallo (2000), Bortoni (2014), Bechara (2019), and Bagno (2014), among others. The results indicate that the variation of the verb "vir" is being influenced by low education levels and the age range of 37 to 77 years, which predominate in the context of the community studied.

Keywords: Speech; Language; sociolinguistics; linguistic variation; verb 'to come'.

Introdução

A variação linguística constitui um dos principais objetos de estudo da Sociolinguística Variacionista, a qual busca compreender como fatores sociais influenciam as escolhas linguísticas dos falantes em diferentes comunidades de fala.

Entre os fenômenos recorrentes no português brasileiro, a flexão verbal especialmente em verbos irregulares apresenta-se como um campo fértil para a observação de padrões de variação. O verbo *vir*, devido à sua alta frequência e irregularidade, é

¹Composição da Banca:

Professora Ma. Maria de Jesus Pacheco Ribeiro (UEA)

Professora Ma. Katriana Jacaúna Farias Ferreira (SEDUC)

particularmente sensível a condicionamentos sociolinguísticos e, por isso, torna-se um elemento relevante para investigação.

O interesse pela pesquisa surge a partir do estudo da disciplina de Sociolinguística ofertada pelo curso de Letras na Universidade do Estado do Amazonas, onde despertou a curiosidade da pesquisadora em aprofundar sobre as variações ocorrentes na fala dos moradores da comunidade rural Nossa Senhora da Saúde, situada no rio Uaicurapá, especificamente a variação sistemática na flexão do verbo "vir" em contextos de fala espontânea.

Este estudo tem como objetivo geral investigar os fatores extralinguísticos que determinam a variação do verbo "vir" na comunidade Nossa Senhora da Saúde. Os objetivos específicos são: observar o contexto social da comunidade; identificar os usos do verbo "vir" na fala dos moradores; e analisar as variáveis encontradas na fala relacionando-as com o contexto social da comunidade.

Apresentam-se variáveis como idade e escolaridade, levando em consideração as seguintes hipóteses: a) a escolaridade e a faixa etária estão relacionadas e contribuem uma com a outra na variação; b) a baixa escolaridade contribui para a manutenção da variante na fala dos moradores; e c) o contexto interacional entre os moradores é o principal fator da variação.

A metodologia adotada foi quanti-qualitativa, combinando pesquisa bibliográfica e documental com pesquisa de campo, realizada por meio de vinte (20) entrevistas semiestruturadas e observação participante. As entrevistas ocorreram em contextos naturais de fala, garantindo a espontaneidade e a fidelidade das respostas, enquanto a observação participante permitiu compreender melhor o cotidiano da comunidade e os fatores sociais que influenciam a linguagem. O estudo contribui, assim, para o conhecimento do português falado e afluentes que contribuem para variação da concordância verbal nas comunidades rurais.

Para embasamento teórico utilizamos Bagno (2014), Bechara (2019), Mollica (2007), Labov (2008), Tarallo (2000), entre outros, os quais abordam em seus trabalhos os pressupostos sociolinguísticos.

O artigo está estruturado em quatro partes: primeiramente apresenta-se o referencial teórico com abordagem do contexto histórico da língua até o surgimento da Sociolinguística Variacionista, a variação linguística, a concordância do verbo "vir" e características da comunidade Nossa Senhora da Saúde; em seguida, detalha-se a metodologia utilizada na pesquisa; posteriormente, apresenta-se a análise sistematizada da variação do verbo "vir"

encontrada na comunidade, fundamentada em pressupostos da Sociolinguística Variacionista; por fim, as considerações finais.

1 A sociolinguística variacionista.

Para conhecer esse ramo da linguística que nos possibilita estudar as variações em seu uso real é pertinente fazer uma abordagem que foi feita da língua até chegar aos estudos sociolinguísticos.

1.1 Abordagens da língua até a Sociolinguística

A reflexão sobre a língua percorreu um longo caminho antes de chegar à perspectiva sociolinguística. Nas tradições mais antigas, especialmente na Gramática Tradicional, a língua era vista como um conjunto de regras fixas, cuja função principal era normatizar o “bom uso” e orientar os falantes quanto ao emprego correto da linguagem. Essa abordagem se preocupava mais com a prescrição do que com a descrição, tomando como modelo um falante idealizado e culto.

No final do século XIX e início do século XX, surge uma mudança significativa com o Estruturalismo. A partir de Saussure, a língua passa a ser entendida como um sistema autônomo, composto por elementos que se relacionam entre si. O foco desloca-se do uso real para a estrutura interna do sistema linguístico a língua enquanto objeto abstrato, independente das interferências do contexto social. Essa visão dominou grande parte dos estudos linguísticos durante cerca de meio século, especialmente por meio das escolas estruturalistas europeias e norte-americanas (Bortoni, 2014).

Ainda no início do século XX, entretanto, alguns resquícios de transformação já estavam sendo apontados. Meillet, por exemplo, chamava atenção para o caráter social da língua e para o fato de que suas mudanças refletiam transformações sociais. Paralelamente, Bakhtin enfatizava a natureza ideológica da linguagem, defendendo que a língua é essencialmente dialógica e inseparável das relações sociais (Sá, 2007).

Essas ideias antecipavam um movimento que ganharia força somente a partir da década de 1960. Nesse período, William Labov estabelece as bases da Sociolinguística moderna, propondo a observação da língua em seu uso real, com falantes concretos e em situações naturais de comunicação.

A teoria laboviana da variação, segundo Sá (2007), busca estabelecer correlações entre grupos sociais e variedades de usos linguísticos e aprender nas bases sociais a direção da mudança. Diferentemente das abordagens anteriores, a Sociolinguística encara a variação

como parte constitutiva da língua, não como erro ou desvio. A língua passa, então, a ser compreendida como fenômeno social dinâmico, profundamente influenciado por fatores externos, como classe social, idade, gênero, estilo de fala e redes de contato.

Essa afirmação destaca a centralidade da fala cotidiana como fundamento do conhecimento linguístico, enfatizando que a língua só pode ser plenamente compreendida quando observada em seu funcionamento real, nas interações sociais que estruturam a vida diária. Ao situar o estudo linguístico no âmbito das práticas comunicativas concretas – aquelas que permeiam relações familiares, vínculos de amizade e até conflitos interpessoais reafirma-se a natureza social da linguagem e a necessidade de abordagens empíricas que considerem o contexto e a intenção dos falantes.

Pensando ainda sobre a língua, temos, também com os estudos de Castilho (2010), a seguinte explanação acerca da constituição intrínseca das línguas:

As línguas são constitutivamente heterogêneas, pois através delas temos de dar conta das muitas situações sociais em que nos envolvemos, em nosso dia a dia. Elas são também inevitavelmente voltadas para a mudança, pois os grupos humanos são dinâmicos, e as línguas que eles falam precisam adaptar-se às novas situações históricas. (...) Para se comunicar com eficiência, eles fazem diferentes escolhas no multissistema linguístico, as quais deixarão marcas formais em sua produção linguística. (...) Em características sociais involuntárias (sua origem geográfica, nível sociocultural, idade, sexo) e por escolhas voluntárias (seleção de um canal para a comunicação, seleção de um registro adequado à interação). (Castilho, 2010, p.197).

Diante disso, o autor nos reafirma a heterogeneidade no campo da língua, ressaltando as mudanças que acontece na fala a partir do contexto no qual o falante está inserido. Sendo assim, o falante molda a forma de falar conforme a pessoa ou o contexto em que está presente, para assim facilitar a comunicação.

1.2 A variação linguística e a concordância do verbo *vir*

A variação linguística, como explica Mollica; Braga (2010, p. 10), é “um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente”. Antes dessa afirmação, a autora nos conduz à ideia de que a língua, por estar viva no uso cotidiano, se transforma conforme os contextos em que circula. Essas transformações não acontecem ao acaso: elas são moldadas tanto pela estrutura da própria língua quanto pelas relações sociais que permeiam a vida dos falantes. Assim, a variação linguística manifesta-se em duas frentes: a dos fatores internos ao sistema linguístico e a dos fatores externos, vinculados ao social.

Os condicionadores são divididos em dois grandes grupos, em função de serem mais ligados a aspectos internos ao sistema linguístico ou externos a ele. No primeiro caso, são

também chamados de condicionadores linguísticos; exemplos são a ordem dos constituintes, a categoria das palavras ou construções envolvidas, aspectos semânticos etc. No segundo caso, são também chamados de condicionadores extralinguísticos ou sociais; entre eles, os mais comuns são o sexo/gênero, o grau de escolaridade e a faixa etária do informante. Os condicionadores linguísticos e sociais são também tratados por variáveis independentes (ou grupos de fatores), enquanto a variável propriamente dita também pode ser tratada por variável dependente (Tarallo, 2000).

Explicitando mais do conceito apresentado, Marcos Bagno (2007) afirma que as variações linguísticas se dividem em diastrática, diatópica, diamésica, diafásica e diacrônica. A variação linguística que ocorre na esfera das diferentes classes sociais é chamada de diastrática que vem do grego *dia*: através de, e do latim *stratum*: camada, estrato. Ela acontece na interação do locutor para com o interlocutor, implica os seguintes aspectos: faixa etária, sexo, escolaridade, profissão, local de convívio e classe social, ou seja, o poder aquisitivo do indivíduo contribui para o uso da língua próxima da norma padrão.

Considerando tudo o que discutimos até aqui, destacamos a importância de observar como os falantes realmente utilizam a língua, e não apenas as regras prescritas pela gramática normativa. Assim, nossa análise se volta para a língua em funcionamento, tal como é usada no cotidiano, partindo da perspectiva de uma língua viva e de falantes reais, e não de modelos ideais e abstratos.

Essa perspectiva desloca o foco de modelos idealizados e abstratos para a língua viva, revelando que é justamente na diversidade e na espontaneidade do uso linguístico que se encontram os elementos essenciais para a construção do conhecimento intersubjetivo que sustenta a interação humana. Nesse contexto, Tarallo (2000) acrescenta:

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não padrão; conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. (Tarallo, 2000, p. 57).

Neste sentido, o autor evidencia que a variação linguística está intrinsecamente ligada às estruturas sociais que organizam e hierarquizam as formas de falar dentro de uma comunidade. Ao apontar que as variantes coexistem em permanente concorrência distribuídas entre pares como padrão e não padrão, conservadoras e inovadoras, prestigiadas e estigmatizadas, o autor demonstra que essas classificações não decorrem de critérios

estritamente linguísticos, mas de valores socioculturais que legitimam determinadas formas em relação a outras.

O verbo *vir* apresenta um comportamento morfológico complexo no português brasileiro, sendo classificado como um verbo irregular cuja conjugação rompe com padrões regulares de flexão verbal. Essa irregularidade faz com que suas formas sofram maior incidência de variação em contextos de fala espontânea, especialmente em comunidades com forte tradição oral.

Bechara (2019) explica que os verbos irregulares constituem unidades que, devido à sua organização categorial, não seguem completamente o molde flexional dos demais verbos do idioma, o que favorece oscilações na fala. Além disso, Cunha e Cintra (2017) ressaltam que verbos de alta frequência como *vir*, presente em narrativas, deslocamentos e relatos cotidianos tendem a se reconfigurar conforme o uso social, uma vez que são constantemente mobilizados pelos falantes.

No âmbito sociolinguístico, Labov (2008) argumenta que a irregularidade verbal é um dos domínios mais sensíveis à atuação de fatores sociais, pois a pressão da norma culta convive com os padrões internalizados pelas comunidades de fala. Dessa forma, o verbo *vir* torna-se um terreno fértil para análise variacionista por reunir complexidade estrutural, alta frequência e forte sensibilidade ao contexto social.

Em relação ao conceito de flexão verbal, autores como Cunha e Cintra (2017) e Bechara (2019) quando se referem à concordância verbal dizem que é aquela que concorda em número e pessoa entre o sujeito e o verbo. Azeredo (2013) afirma que a concordância verbal ocorre quando o verbo se flexiona e se conforma ao número e pessoa do sujeito.

A concordância verbal é um fenômeno bastante estudado no português brasileiro. Na pesquisa em questão, abordamos a ausência da concordância no uso do verbo *vir* o qual é um verbo irregular da terceira conjugação, suscetível a variações devido as suas diversas particularidades e terminações, por isso, torna-se um elemento relevante para investigação. Quando há a ausência da regra padrão de concordância verbal na língua falada de um grupo, conseqüentemente passa a ser estigmatizado, devido ao preconceito linguístico:

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua (Bago, 2007, p.09).

Assim, podemos concluir que a variante padrão, por sua associação histórica com grupos privilegiados, tende a ser simultaneamente conservadora e prestigiada, enquanto as

variantes inovadoras, muitas vezes vinculadas às práticas de grupos marginalizados, acabam sendo marcadas como não padrão e alvo de estigma. Assim, a análise reforça que a avaliação das variantes revela não apenas dinâmicas linguísticas, mas sobretudo relações de poder que permeiam o funcionamento da língua em sociedade. (Sá, 2007).

Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se assim formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfosintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático discursivo. O português falado no Brasil está repleto de exemplos. (Bagno, 2014, p. 58).

Diante disso, adotar um olhar que estuda a língua no seio das comunidades de fala, interagindo entre a fronteira língua e sociedade é significativo para entender a variação ocorrente nos grupos estigmatizados pela sociedade em frente ao uso da concordância verbal.

1.3 A comunidade Nossa Senhora da Saúde

A comunidade Nossa Senhora da Saúde está localizada na zona rural de Parintins. De acordo com relatos de dois moradores mais antigos residentes na comunidade foi fundada em 1977 por quatro famílias que se uniram com o propósito de solidificar um local para o estudo dos filhos e momentos de lazer.

Atualmente residem 49 famílias que em sua maioria são agricultores, no qual a principal fonte de renda é a produção da farinha. Sua estrutura conta com uma igreja, onde a festividade religiosa realizada no mês de maio chama a atenção de visitantes que simpatizam com a imagem da padroeira. Um centro social que serve para encontros casuais e reuniões e a escola. Abaixo está uma imagem representativa da comunidade, para se ter uma dimensão de como é o lugar.

Figura 1: Retrato da frente da comunidade



Fonte: Pereira, 2025.

Em uma comunidade linguística existem várias normas estabelecidas para facilitar a comunicação entre grupos, entende-se por norma o conjunto de variedades linguísticas,

sendo elas padrão ou não. Na comunidade de fala dos moradores da comunidade Nossa Senhora da Saúde encontramos diversas normas estabelecidas pelo coletivo que não condizem com a língua prescrita na gramática.

Quando tratamos da educação na zona rural, entramos em um campo sensível que afeta diretamente a dinâmica sociolinguística dessas comunidades: a baixa escolaridade. Esse fenômeno não pode ser compreendido de forma isolada; ele decorre de um conjunto de fatores estruturais e culturais que marcam historicamente a realidade rural brasileira. As instituições educacionais nesses espaços, além de escassas, foram historicamente negligenciadas pelo poder público, o que resultou em desigualdades profundas em relação à educação oferecida nos centros urbanos.

É nesse ponto que a afirmação de Lucchesi (2015, p. 252) se torna pertinente. Ao dizer que “as comunidades rurais brasileiras sofreram um processo anacrônico quando da adoção de instituições escolares locais”, o autor evidencia que a chegada da escola à zona rural não ocorreu de maneira simultânea nem equivalente à das áreas urbanas. Houve um atraso significativo na implementação das instituições escolares, muitas vezes acompanhado de infraestrutura precária, ausência de profissionais qualificados e pouca continuidade nos estudos.

Portanto, ao pesquisar a escolaridade nos contextos rurais é necessário levar em conta o contexto histórico que grande parte da população rural foi afetada, onde resultou em níveis reduzidos de escolarização, o que repercute diretamente nas práticas linguísticas desses locais.

2 Metodologia Utilizada

Para realização deste trabalho foi necessário organizar uma pesquisa dividida em duas etapas. A primeira uma pesquisa bibliográfica com leitura de teóricos como Bagno (2014), Bortoni (2014) Mollica; Braga (2010), Labov (2008), Tarallo (2000), entre outros, no qual abordam em seus textos os pressupostos sociolinguísticos, que contribuíram para o bom andamento da investigação. De acordo com Carvalho (2000), a pesquisa bibliográfica é a atividade que localiza e consulta diversas fontes de informação escrita, a fim de realizar a coleta de dados gerais ou específicos sobre um determinado tema.

A finalidade da pesquisa é descritiva, pois procuramos conhecer e interpretar a realidade empírica dos comunitários, sem nela interferir. Assim, a pesquisa descritiva está interessada em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los. O método adotado foi o hipotético-dedutivo quando partimos das seguintes

hipóteses: a) a escolaridade e a faixa etária estão relacionadas de modo a contribuir uma com a outra na variação; b) a baixa escolaridade contribui para a manutenção da variante na fala dos moradores e; c) o contexto interacional entre os moradores é o principal fator da causa da variação.

Na segunda etapa foi realizada uma pesquisa de campo na qual “basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo (Gil, 2002. p. 53), de cunho quanti-qualitativo, segundo Baptista (1999), as concepções quantitativas não são baseadas radicalmente em números, pois existe a influência de pressupostos teóricos e limitações.

Para o autor, é necessário “recorrer-se ao empirismo e à quantificação para melhor conhecer a realidade”. Esse procedimento, contudo, deve ser associado à análise qualitativa, pois somente ela permite o aprofundamento do conhecimento e a acumulação do saber, que são elementos essenciais na ciência. Baptista (1999) diz que as duas abordagens devem coexistir pacificamente no estudo e não estabelecer uma oposição sobre qual é mais eficaz. Eles exercem um exercício de cooperação mútua.

Realizamos observação sistemática participante. Essa técnica possibilitou que a pesquisadora acompanhasse de forma direta o cotidiano da comunidade, observando situações de interação verbal e não verbal, bem como fatores sociais que influenciam a fala. A participação ativa do pesquisador permitiu compreender melhor as práticas linguísticas e coletar informações que não estariam acessíveis apenas por meio das entrevistas.

Para a coleta de dados, utilizou-se a documentação direta por meio de entrevistas semiestruturadas. Este instrumento permitiu registrar as falas dos participantes de forma detalhada, possibilitando que aspectos linguísticos e sociais fossem observados com precisão. As entrevistas foram realizadas no mês de agosto/2025, na ambiência dos participantes, garantindo privacidade e maior naturalidade nas respostas. Cada entrevista foi gravada, mediante autorização dos participantes, e posteriormente transcrita para análise descritiva.

Em seguida, realizamos a pesquisa de campo com intuito de coletar dados. Assim foram feitas as entrevistas na ambiência dos participantes, visto que é um local onde eles têm privacidade e estão familiarizadas com o campo de visão, dessa forma, a entrevista ocorreu de forma espontânea. Para essa pesquisa participaram vinte (20) comunitários residentes na comunidade os quais foram selecionados conforme a escolaridade (Ensino fundamental I, Ensino fundamental II, Ensino médio e Ensino superior) e faixa etária com idade entre 10 e 77 anos.

As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado que abordaram a história de vida dos participantes, por exemplo, com as pessoas de faixa etária mais alta de 37 a 77 perguntamos como foi a trajetória para chegar na comunidade, como foi o processo de criação e adaptação em novo local. Assim fomos adaptando as perguntas conforme o grupo social e os objetivos do trabalho sem mencionar que estávamos fazendo uma pesquisa com o intuito de averiguar a predominância do uso do verbo *vir* na fala desses moradores.

Conforme aconselha Tarallo (2000), “a palavra língua deverá ser evitada a qualquer preço, pois o objetivo é que o informante não preste atenção a sua própria maneira de falar”. Dessa forma, o pesquisador ofereceu liberdade aos entrevistados, mas manteve o direcionamento necessário para que o foco do objeto de estudo não se perdesse.

Utilizamos o recurso do gravador para captar a fala em seu momento real, espontâneo, para posteriormente transcrevermos as falas. Sobre esse recurso é importante que o pesquisador saiba utilizá-lo, visto que é uma ferramenta importantíssima para as pesquisas sociolinguísticas como já falamos, porque capta a fala no momento real, porém, pode intimidar os participantes, sendo assim, a pesquisadora soube controlar a situação interagindo com os entrevistados de forma descontraída, logo o resultado foi positivo, pois os entrevistados se sentiram à vontade para “conversar”. No tópico a seguir detalharemos os dados obtidos.

3 Análise dos Resultados

Na observação da comunidade focou-se nas comunicações formais e informais entre os moradores. Constatamos que não é recorrente o contato formal. Já a linguagem informal prevalece nas reuniões, encontros religiosos, partidas de futebol entre outros. Percebemos que as pessoas mais velhas adotam um comportamento de hierarquia, tradicional, não fazem o manuseio de ferramentas tecnológicas e se detém no universo que a comunidade oferece. Por outro lado, os mais jovens utilizam diariamente os recursos tecnológicos, para conversar com outras pessoas, fazer suas lições de casa, ou só jogar.

Esse comportamento adotado por esses grupos sociais pode influenciar na aquisição de uma linguagem estigmatizada (Bagno, 2014), ou seja, a variação quanto ao uso do verbo *vir*, ou diminuir a ocorrência de uma norma estabelecida em uma comunidade de fala, visto que terão contato com outras pessoas que não participam do mesmo contexto (Luchesi, 2015). Com base nesse contexto definimos os participantes que fizeram parte de nossa amostra.

A partir das colaborações pertinentes da sociolinguística, partimos para a análise de dados. Neste tópico vamos nos deter à análise das variáveis do verbo “vir” encontradas na fala

dos moradores da Comunidade Nossa Senhora da Saúde juntamente com os fatores extralinguísticos que podem influenciar a variação nessa comunidade.

Ao analisar as gravações identificamos três variáveis as quais foram recorrentes nas entrevistas: *veio*, *viemo* e *vim*. O *veio* precedido do pronome pessoal “eu” quando a ação é realizada pelo próprio falante, ou seja, “eu veio de Parintins”, “eu veio primeiro que ele” no qual segundo as normas gramaticais seria “eu vim de Parintins”, “eu vim primeiro que ele” (na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo) (Bechara, 2019). Como podemos verificar no quadro abaixo:

Quadro 1: Entrevista com morador de 60 anos e baixa escolaridade.

Perguntas	Respostas
E: O senhor reside a quanto tempo aqui na comunidade?	F1: Acho que já tem uns 40 anos, por aí
E: Como que foi para o senhor chegar aqui na comunidade, de que local o senhor veio?	F1: Eu veio de Parintins, cheguei em 1960 aqui, idade acho que tinha uns 6 anos por aí.

Fonte: Pereira, 2025.

Quadro 2: Entrevista com morador de 15 anos e escolaridade média.

Perguntas	Respostas
E: Como é morar no interior?	F2: Ah, é de boa. Eu gosto de morar aqui.
E: Gostaria de compartilhar uma história de vida?	F2: Vou contar sobre um dia que apostei corrida com meu irmão. A gente vinha lá do barracão de farinha. Eu veio na frente por um bom tempo, quando cheguei perto de casa tropecei na raiz de um cajueiro que foi sandália pro lado e eu pro outro. Hoje quando a gente lembra se espoca na risada.

Fonte: Pereira, 2025.

Outra forma verbal encontrada foi *viemo* variante de “viemos”, quando há queda da pluralização representada pela letra “s”, como apresentado no quadro abaixo:

Quadro 3: Entrevista com morador de 75 anos e escolaridade média.

Perguntas	Respostas
E: Qual o seu nível de escolaridade?	F2: 4º primário.
O senhor mora a quanto tempo aqui na comunidade?	F2: Já tem uns 50 anos por aí
Mas o senhor veio pra cá ou morou sempre aqui?	F2: Nós viemo do Jacú (comunidade próxima).

Fonte: Pereira, 2025.

A última variável que encontramos é bastante comum, tanto que sempre vemos em sites ou dicas de gramática “não erre mais, saiba diferenciar o vim do vir”. Neste caso, os comunitários fazem o uso da forma verbal “vim” na terceira pessoa do singular (ele/ela) quando se referem a uma ação que será realiza no futuro, contrariando as normas gramaticais que dizem que deve ser utilizado na primeira pessoa do singular (Eu vim; ele vai vir) (Bechara, 2019) como demostramos a seguir:

Quadro 4: Entrevista com moradora de 35 anos com escolaridade baixa.

Perguntas	Respostas
E: a senhora mora a quanto tempo aqui?	F3: eu nasci e me criei aqui, então já tem 45 anos.
E: entendi, e os seus filhos?	F3: eu tenho dois, né. Um tá pra aula e o outro mora na cidade, mas ele vai vim amanhã disque passar as férias e me vê.

Fonte: Pereira, 2025.

Na comunidade foram encontradas essas três variáveis na fala dos moradores como já vimos, são influenciadas por fatores sociais em que o participante se encontra ou está inserido, sendo assim, faremos a aplicabilidade de dois fatores correspondentes ao contexto da comunidade de fala da comunidade em questão.

3.1 Fator escolaridade e faixa etária

Já conhecemos a distribuição das variantes do verbo *vir* na fala dos moradores da comunidade; portanto, passamos agora a focalizar o contexto social dos falantes, com o objetivo de compreender os fatores extralinguísticos que condicionam a variação linguística observada.

Conforme afirma Camacho (2001), a investigação sociolinguística exige que se recorra às dimensões sociais dos falantes, uma vez que muitas das respostas para os fenômenos variáveis do sistema linguístico residem justamente na relação entre língua e sociedade. Assim, fatores como escolaridade e faixa etária tornam-se fundamentais para explicar por que determinadas variantes se mantêm, se expandem ou recuam em determinada comunidade.

Partimos da hipótese de que escolaridade e faixa etária estão interligadas e, juntas, contribuem para a manutenção ou para o controle da variação. Em nossa amostra, contemplamos falantes do Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e Ensino Superior, com idades entre 10 e 77 anos, grupo suficientemente diversificado para permitir observar padrões intergeracionais e influências da escolarização sobre o comportamento linguístico. O quadro abaixo está representado pelo nível de escolaridade dos participantes.

Quadro 5: dados correspondentes à escolaridade

Fatores	Aplicação	Frequência
Ensino fundamental I	10	07
Ensino fundamenta II	05	02
Ensino Médio	02	02
Ensino Superior	03	01

Fonte: Pereira, 2025.

Os dados do quadro 5 revelam que, entre os participantes do Ensino Fundamental I, ocorreram 07 casos de uso das variantes; no Ensino Fundamental II, registraram-se 02; no

Ensino Médio, mais 02; e no Ensino Superior, apenas 01. Esses números confirmam, de maneira bastante evidente, que o maior índice de uso está entre os menos escolarizados, grupo formado tanto por adultos que deixaram a escola precocemente quanto por crianças que estão em processo de formação linguística e consolidando sua identidade verbal. Em ambos os casos, o acesso limitado a variedades prestigiadas e o distanciamento prolongado ou recente da norma culta favorecem a conservação das formas comunitárias.

Com o avanço da escolarização, entretanto, nota-se uma significativa redução do uso das variantes estigmatizadas. Essa tendência é coerente com o que aponta Mollica; Braga (2010), ao afirmar que a escola desempenha papel central na reformulação do repertório linguístico dos indivíduos e das comunidades discursivas que a integram. A instituição escolar age como agente de difusão da norma-padrão, promovendo contato sistemático com formas prestigiadas e, conseqüentemente, diminuindo a incidência de variantes estigmatizadas, sobretudo em contextos monitorados.

Contudo, é importante considerar que a língua se move entre redes de formalidade e espontaneidade. Mesmo falantes com maior grau de escolarização podem recorrer às variantes locais quando inseridos em um contexto de fala espontânea. Como demonstra os dados do quadro 4 houve uma ocorrência na fala de um comunitário de Nível superior, este participante atua no âmbito escolar a mais de 15 anos, é um colaborador ativo da comunidade. Sobre isso Mollica (2014) afirma que a identidade linguística é construída e reconstruída diariamente nas interações sociais e que formas comunitárias podem emergir mesmo em falantes escolarizados, especialmente quando se encontram em redes de interlocução densas como nas comunidades rurais.

Assim, se justifica a presença de uma ocorrência no grupo de Ensino Superior registrado no quadro 4, afirmando a teoria do autor em que o contexto de fala e não apenas o nível de escolarização exerce influência direta no uso das variantes. Em síntese, a variante pode ser utilizada como marca identitária e de pertencimento comunitário, preservando-se até mesmo no repertório daqueles falantes que tiveram maior acesso à escolarização.

Portanto, a análise do fator escolaridade revela que, embora o aumento da escolarização contribua para a diminuição do uso das variantes estigmatizadas, o contexto social, a convivência cotidiana e o caráter espontâneo das interações comunitárias seguem desempenhando papel determinante na manutenção da variação linguística.

Outro fator que levamos em consideração foi a faixa etária, que segundo Araújo (2014, p. 272), a faixa etária “é uma variável de presença obrigatória nos estudos variacionistas labovianos, porque permite que se façam projeções históricas acerca do

fenômeno variável, tornando possível investigar o binômio variação-mudança”. Sendo assim, dividimos os participantes em três faixas: grupo A de 10 a 18 anos, grupo B de 19 a 35 e o grupo C de 36 a 77 anos. Vide Quadro 5 onde os dados são apresentados.

Quadro 6: dados correspondentes à faixa etária

Fatores	Ele/ela vim	Eu veio	Nós viemo
A 10-18	30%	30%	40%
B 19-35	40%	10%	50%
C 36-77	50%	50%	45%

Fonte: Pereira, 2025.

Ao observarmos os dados do quadro 6, nota-se uma concentração significativa das variantes estigmatizadas especialmente “eu veio” e “ele/ela vim” no grupo C, composto por falantes entre 36 e 77 anos. Esse grupo apresenta os percentuais mais elevados para duas das três variantes analisadas, o que revela um padrão de uso mais consolidado entre os falantes mais velhos.

A interpretação desses números deve considerar o contexto sócio-histórico que moldou as trajetórias desses sujeitos: muitos deles afastaram-se precocemente da escola ou tiveram acesso restrito à escolarização, fenômeno recorrente em áreas rurais brasileiras, onde a implementação do ensino básico ocorreu de forma tardia e desigual.

O aumento do índice de uso conforme a idade avança corrobora interpretações já discutidas pela sociolinguística. Falantes mais velhos, em geral, são mais conservadores em relação às formas estigmatizadas, preservando estruturas linguísticas que aprenderam durante as primeiras fases da vida (Mollica; Braga, 2010).

Essa manutenção está relacionada à estabilidade das redes sociais locais, à limitação do contato com variedades prestigiadas e à menor mobilidade social e geográfica. Nesse sentido, o dado de que as formas não-padrão são mais frequentes entre os mais velhos confirma o peso da escolarização enquanto fator de controle do uso linguístico: quanto menor o acesso à escola, maior a probabilidade de manter o uso tradicional da comunidade.

Por outro lado, o baixo índice de uso entre os jovens (10–18 anos) pode ser interpretado à luz do que afirma Silva (2005), ao sugerir que os jovens tendem a integrar redes sociais mais amplas, permeadas por influências externas e por maior contato com variedades linguísticas prestigiadas, seja pela escola, pela circulação em outros espaços sociais ou pelas mídias digitais. A participação em tais grupos expande o repertório linguístico desses jovens e favorece a adoção de formas mais próximas da norma-padrão, reduzindo a frequência das variantes estigmatizadas.

Outro ponto que emerge é a evidência de que o fenômeno não é estático, mas está em curso dentro da comunidade. Por exemplo, o pai de 77 anos que utilizou de forma recorrente as variantes na fala e influenciou diretamente o repertório linguístico do filho, atualmente com 35 anos demonstra um processo típico de transmissão linguística intergeracional. Assim, mesmo que os índices entre os jovens sejam menores, o grupo intermediário (19–35 anos) ainda apresenta porcentagens consideráveis, indicando que a variante não está desaparecendo, mas circula como uma norma local que se reproduz no cotidiano da comunidade.

Dessa forma, a análise permite afirmar que as variantes do verbo “vir” funcionam como um marcador sociolinguístico associado à identidade local e ao contexto histórico dessa população. Elas se mantêm vivas tanto pela transmissão familiar quanto pela coesão comunitária, configurando-se como uma norma linguística legítima dentro desse espaço social, mesmo que estigmatizada em contextos externos.

Em síntese, a investigação da faixa etária nos mostra padrões de uso diferenciados entre gerações, mas também o papel central da falta de escolarização para a continuidade na manutenção da variação linguística.

Diante dos resultados apresentados, podemos verificar que as formas linguísticas *eu veio*, *nós viemo* e *ele/ela vim* prevalecem na comunidade por causa dos contextos sociais de escolarização e faixa etária. Corroborando os pressupostos sociolinguísticos, de que o contexto do falante influencia a sua língua

Considerações finais

O presente estudo evidenciou que a variação do verbo *vir* na fala dos moradores da comunidade Nossa Senhora da Saúde/Uaicurapá está diretamente relacionada a escolaridade e faixa etária. Tornando nossas hipóteses válidas, pois as análises realizadas demonstraram que os participantes com menor nível de escolarização e maior idade apresentam maior recorrência nas formas variantes como *eu veio*, *nós viemo* e *ele/ela vim*, enquanto os indivíduos mais jovens e com escolaridade elevada tendem a utilizar com menor frequência tais variantes, embora possam recorrê-las em contextos de fala espontânea.

Os resultados corroboram com os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, ao mostrar que a língua é dinâmica e socialmente condicionada, e que a variação não deve ser compreendida como erro, mas como reflexo das relações sociais e históricas dos falantes. Ademais, o estudo reforça a importância de considerar o contexto comunitário na análise linguística, evidenciando que práticas de fala estigmatizadas podem se consolidar como normas locais, constituindo identidade linguística própria da comunidade.

Assim, alcançamos os objetivos da pesquisa, pois conseguimos identificar os fatores extralinguísticos que influenciam a variação do verbo *vir* na comunidade Nossa Senhora da Saúde. A pesquisa contribui, oferecendo subsídios para futuras investigações sobre variação e mudança linguística no português falado, além de fornecer elementos relevantes para professores de Língua Portuguesa em formação bem como para professores que atuarão na zona rural, pois se terá um conhecimento científico sobre a variação linguística no contexto das relações que se estabelece entre língua e sociedade no ambiente da zona rural.

Referências

- ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. A concordância verbal e sua importância para os estudos sobre a formação do português brasileiro. **PAPIA**, São Paulo, v.22, n.1, p. 91-110, 2012.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2013.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem e linguística: pondo os pingos nos ii**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Sociolinguística: parte II**. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001.
- CARVALHO (ORG.), Maria Cecília M. de. **Construindo o saber: Metodologia científica Fundamentos e técnicas**. São Paulo: Papirus, 2000.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo. Editora Contexto, 2010.
- CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- LABOV, Willian. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.

SÁ, Edmilson José de. **Estudos de variação linguística**: o que é preciso saber e por onde começar. São Paulo: Textonovo, 2007.

SILVA, Gisele. M, da. **Redes sociais e comportamento linguístico**: estudo de variação em comunidades urbanas. 2005.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. Ática S.A. São Paulo, 2000.